

OS FUNDAMENTOS DE UM REINO MILENAR: EXPECTATIVAS MILENARISTAS E ENGAJAMENTO POLÍTICO NA HISTÓRIA DO FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO NORTE-AMERICANO

Daniel Rocha*

RESUMO: Este artigo analisa as relações que as crenças escatológicas estabeleceram com as expectativas políticas nos Estados Unidos na segunda metade do século XX, a partir do processo de politização do fundamentalismo religioso protestante. Inicialmente, traça-se um breve panorama histórico sobre a presença de concepções milenaristas na história dos Estados Unidos e os diferentes aspectos que tal esperança assumiu até meados do século XIX. Em seguida, estuda-se o surgimento do fundamentalismo religioso, suas principais características e sua politização no decorrer do século XX. Por fim, analisam-se as rupturas e permanências nas relações entre política e escatologia no fundamentalismo e as facetas que tais relações apresentam na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: fundamentalismo; escatologia; História Contemporânea.

ABSTRACT: This article analyzes the relations that the eschatological beliefs established with the political expectations in the United States on the 20th century's second half, starting at the protestant religious fundamentalism politicizing process. Initially, a brief historical panorama about the millennialist conceptions' presence at United States' history and the different aspects that this hope assumed until the middle of the 19th century are traced. After that, the rising of the religious fundamentalism, its main characteristics and politicizing during the 20th century is studied. At the end, the ruptures and permanences in the relations between politics and eschatology in the fundamentalism and the facets that such relations presents in the temporarily are analyzed.

KEYWORDS: fundamentalism; eschatology; Contemporary History.

* Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (UFMG). E-mail: danielrochabh@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Em um pequeno texto de 1957, intitulado “Será possível a exegese livre de premissas?”, o teólogo alemão Rudolf Bultmann estabeleceu uma interessante relação da pesquisa histórica com o fenômeno religioso:

A ciência histórica não pode constatar uma atuação de Deus, mas apenas constata a fé em Deus e na sua ação. Entretanto, na qualidade de ciência histórica, ela não pode afirmar que tal fé seria uma ilusão e que não haveria atuação de Deus na história. Mas ela própria, na qualidade de ciência, não pode constatá-lo nem contar com essa possibilidade; ela somente pode deixar por conta de cada um se ele quer enxergar a atuação de Deus num evento histórico que ela própria entende a partir de suas causas intra-históricas. (BULTMANN, 2001, p. 366).

Deve-se, portanto, buscar compreender as crenças religiosas a partir de suas causas intra-históricas como, por exemplo, as necessidades econômicas, as questões políticas, as conjunturas sociais, etc. Entretanto, é importante observar que tal relação não é uma via de mão única. As convicções religiosas, da mesma forma que sofrem o impacto dos contextos sociais, políticos e econômicos nos quais se inserem também se apresentam como uma força que interage com o ambiente social e acabam por influenciar certas visões de mundo e projetos políticos. Dentro da tradição cristã, é possível dizer que as concepções de fé que, ao longo da história, tiveram maior impacto sobre as questões políticas e sociais são aquelas ligadas às crenças sobre o destino final da humanidade e sobre o surgimento de um reino de paz e justiça que precederá o tempo do fim.

No pensamento teológico, a escatologia é a doutrina que trata das relações entre a fé cristã e o futuro da humanidade. Numa linha mais tradicional, Le Goff assim a define: “O termo ‘escatologia’ designa a doutrina dos fins últimos, isto é, o corpo de crenças relativas ao destino final do homem e do universo” (LE GOFF, 1984, p. 425). Porém, uma perspectiva que limite a escatologia apenas a assuntos relacionados ao fim do mundo, ao surgimento do Anticristo, ao Juízo Final e ao destino último da humanidade, pode conduzir a uma visão por demais estreita e que não levaria em conta tudo o que está envolvido no universo das “últimas coisas”. Na definição de Brian E. Daley (1994, p. 13):

Escatologia é uma palavra com muitos significados. Essencialmente, como doutrina religiosa sobre as ‘últimas coisas’, é fé em soluções finais. É a esperança

das pessoas crentes de que a falta de acabamento de sua presente experiência de Deus será resolvida, sua presente sede por Deus preenchida, sua presente necessidade de livramento e salvação realizada. É fé na resolução do ainda não resolvido, na amarração de todas as pontas soltas que frustram a vida do crente no mundo.

Embora, num primeiro momento, as perspectivas escatológicas pareçam limitadas a uma fé pessoal quanto, como diz o Credo Apostólico, à ressurreição do corpo e à vida eterna, a possibilidade de transformação do mundo em “reino de Deus” é a esperança que mais impactou, e ainda impacta, a sociedade ocidental. “Sem negar a importância da noção de salvação, considero-a, no entanto, demasiado vaga, demasiado polivalente, para fornecer uma base sólida ao estudo das mentalidades escatológicas. Os desejos de justiça e renovação parecem-me mais fundamentais” (LE GOFF, 1984, p. 453). A expectativa do reino milenar vindouro de paz e justiça deixou marcas profundas na história e, até hoje, permeia o imaginário ocidental. No cristianismo, segundo Dias (2008), a principal base do milenarismo está no capítulo 20 do livro do Apocalipse¹ e “refere-se ao iminente regresso de Cristo à Terra para a instauração de um reinado de mil anos antes do fim do mundo”. O advento do milênio, embora seja alvo de tão poucas menções no texto bíblico, adquiriu uma importância muito grande no pensamento cristão. Na esperança do milênio, as aspirações e expectativas quanto a um futuro melhor intra-terreno puderam ser traduzidas em uma linguagem religiosa pelos cristãos. Além disso, tal esperança começou a ser um consolo para os períodos de tribulação. O mal que hoje atua na sociedade e causa tanto sofrimento será vencido. O reinado de paz e justiça está adiante. “Quando o véu se rasgasse, iria descortinar-se um longo período em que os homens viveriam finalmente felizes, na paz e na igualdade” (DUBY, 1998, p. 21).

O presente artigo busca analisar as relações que as crenças escatológicas estabeleceram com os projetos políticos nos Estados Unidos ao longo da

¹ As principais passagens que justificam a crença no milênio são: “Então, vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos; lançou-o no abismo, fechou-o e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos. Depois disto, é necessário que ele seja solto pouco tempo” (Ap 20, 1-3); e “Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre esses a segunda morte não tem autoridade; pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele os mil anos” (Ap 20, 6).

história e, mais especificamente, na segunda metade no século XX, com a politização do fundamentalismo religioso de origem protestante se estendendo até o período em que o país foi governado por George W. Bush, presidente identificado com os valores de tal tendência religiosa. Inicialmente tratar-se-á da presença de concepções milenaristas no surgimento dos Estados Unidos e os diferentes aspectos que tal esperança assumiu até meados do século XIX. Em seguida, estudar-se-á o surgimento do fundamentalismo religioso no seio do conservadorismo protestante norte-americano, suas principais características teológicas e sua evolução no decorrer do século XX, onde houve uma passagem de uma defesa de alguns dogmas teológicos do cristianismo para um projeto de “Nação Cristã” a ser implantada. Por fim, analisar-se-ão as rupturas e permanências nas relações entre política e escatologia no fundamentalismo e as facetas que tais relações apresentam na contemporaneidade.

PRECEDENTES HISTÓRICOS: A ESPERANÇA DOS PAIS PEREGRINOS

Arriscar-se-ia dizer que a história dos Estados Unidos é o maior laboratório de experiências sobre a relação entre as crenças escatológicas e as questões políticas e sociais. Desde o embarque dos Pais Peregrinos rumo ao Novo Mundo, as crenças bíblicas forjaram todo o imaginário de uma vida nova em uma terra nova: “A Europa é o Egito, a América, a ‘terra prometida’” (MOLTMANN, 2003, p. 191). Os desbravadores da América do Norte criam estar “fazendo história” e construindo uma *nation under God* que serviria de luzeiro para o mundo e que guiaria os povos rumo à verdade histórica final. O otimismo era a marca e intensa era “a crença na evolução da verdade, concebida como revelação permanente. Essa doutrina John Robinson pregou em seu sermão de adeus aos Pais Peregrinos em 1620, de modo que é compreensível que essa crença apareça tantas vezes vinculada à descoberta do Novo Mundo” (HILL, 1987, p. 349).

Portanto, a idéia de ser um povo escolhido por Deus e a convicção de que deveriam criar um Estado fundamentado nos princípios cristãos e que serviria de paradigma para a redenção do mundo tenebroso já estava presente na mentalidade norte-americana desde o início. A esperança escatológica capitaneava o sonho da “Nova Jerusalém” no Novo Mundo. “Os ‘pais peregrinos’ que se estabeleceram na América do Norte nos anos 1620 eram milenaristas e a esperança de fazer dessa parte do mundo o centro do reino

terrestre de Cristo constituiu um dos componentes da identidade americana” (DELUMEAU, 1997, p. 13). A possibilidade de se construir uma nação cristã que serviria de modelo para o mundo iria, posteriormente, impulsionar a atuação de missionários que, além das boas novas do evangelho, levariam os valores e os padrões políticos, sociais, econômicos e morais norte-americanos para outras nações.

A história (assim como o presente) dos Estados Unidos também é importante para que se observe como as expectativas pré-milenaristas e pós-milenaristas² se alternaram nos diferentes momentos históricos, políticos e sociais. O fervor da esperança de fundo religioso dos Pais Peregrinos, em alguns momentos, foi sendo secularizada, embora nunca tenha se apagado da mentalidade norte-americana. Para Mannheim, existiria uma tendência nas crenças milenaristas de se “desligar de suas origens e a prosseguir seu próprio caminho independentemente dos motivos que as inspiraram. A dimensão essencial do Quiliasma reside em sua tendência a sempre se dissociar de suas origens e símbolos” (MANNHEIM, 1976, p. 238). Segundo Delumeau, a expectativa pós-milenarista foi ganhando um aspecto cada vez mais secularizado. A crença era em “um milênio num tempo por vir, mas sem a vinda preliminar de Cristo. Era uma abertura em direção a um milenarismo parcialmente laicizado que se apoiou cada vez mais sobre os acontecimentos” (DELUMEAU, 1997, p. 245).

De quando em vez, movimentos de despertamento religioso buscaram reavivar, em momentos de degradação moral, os princípios, valores e verdades dos pioneiros. Em tais períodos, a crença no milênio presente era abalada e novamente se abria espaço para interpretações escatológicas diferenciadas. Embora a crença da missão religiosa-civilizacional dos Estados Unidos sempre estivesse presente, a “sazonal” decadência moral sempre abria as portas para que a esperança religiosa contestasse a esperança secularizada. Portanto, “o avanço da civilização, nos princípios do

² De maneira mais resumida pode-se afirmar que: “Pré-milenarismo é a fé de que o reino milenar seria um período no futuro posterior à segunda vinda de Cristo, a sua vinda em glória. Pós-milenarismo é a fé de que o reino milenar seria um período da história anterior ao retorno de Cristo” (MOLTMANN, 2003, p. 165). O pré-milenarismo é marcado pela expectativa de “uma intervenção sobrenatural divina, uma crença na irrupção do sobrenatural na história” (MENDONÇA, 1984, p. 63-64). O reino de justiça e felicidade só ocorreria após o retorno visível de Cristo para reinar com seus santos. O pós-milenarismo é uma perspectiva mais próxima daquela que Eusébio de Cesaréia e alguns cristãos do período constantiniano tinham quanto ao reino milenar. Seria uma expectativa de que “a vinda do Reino se daria após a implantação da civilização cristã; por isso, a cristianização da sociedade seria uma preparação para a vinda do Reino de Deus” (MENDONÇA, 1984, p. 55).

progressismo, norteava-se pela vinda do Reino de Deus, aperfeiçoamento e coroação dessa civilização. A expectativa milenarista no século XIX na América era intensa e extensa, embora variassem os detalhes teológicos” (MENDONÇA, 1984, p. 54).

Para além das discussões teológicas, a mentalidade milenarista é um elemento essencial da forma de como os Estados Unidos encararam sua missão frente ao mundo. Junto com a mensagem da salvação em Cristo, os norte-americanos sentiam um “chamado” para também disseminar seus valores políticos e culturais. “‘Liberdade e auto-regência’ são as novas conquistas norte-americanas e, por esta razão, também a salvação política que essa nação eleita deve levar ao mundo” (MOLTMANN, 2003, p. 191). As lutas contra as heresias tornaram-se lutas contra a tirania, e os Estados Unidos abraçaram a crença de ter um papel essencial para a construção de um mundo novo, cristão e democrático. “De um refúgio para santos perseguidos e um experimento de liberdade e autocracia democrática, os EUA converteram-se em potência mundial com uma missão universal” (MOLTMANN, 2003, p. 195).

A ideia de um *Manifest Destiny* influenciou de maneira decisiva a política externa norte-americana “legitimando”, em nome da propagação da verdade e democracia, até mesmo intervenções violentas: o “povo eleito” sempre trava as “batalhas do Senhor”. Segundo Moltmann (2003, p. 194): “O conceito *manifest destiny* tornou-se popular no século XIX e significava que fazia parte do cumprimento da missão divina dos EUA apropriar-se do continente”. As guerras e projetos de expansão norte-americanos tornam-se “cruzadas modernas”. Os “ianques” estariam cumprindo uma missão divina.

Entretanto, a esperança religiosa na implantação do reino milenar na América foi abalada e os sonhos luminosos foram ofuscados. O final do século XIX presenciou um arrefecimento das expectativas sobre as esperanças intra-históricas do protestantismo norte-americano e sobre o sonho de uma nação alicerçada sobre os fundamentos das verdades bíblicas e que tinha uma mensagem e um modelo de sociedade para semear pelo mundo. Em meados do século XIX a visão pós-milenarista ainda mostrava sua força. Porém, já da metade para o final do século XIX, o otimismo esfriou e “a guerra civil (1861-1865), o problema da escravidão e do racismo e outras questões sociais perturbadoras proporcionaram o florescimento de teologias escapistas” (ORO, 1996, p. 68). A religiosidade secularizada e confiante do protestantismo dito liberal e pós-milenarista começa a perder espaço para

movimentos que buscavam um “reavivamento” espiritual e uma religiosidade mais espiritualizada e individualista³. O otimismo em relação ao sonho do reino milenar no Novo Mundo começava a ruir.

O FUNDAMENTALISMO

É neste contexto que surge o que veio a ser conhecido como fundamentalismo religioso. Tal movimento e suas posteriores implicações na sociedade e na política marcaram profundamente a religiosidade protestante e pentecostal no século XX. No final do século XIX, o mundo ocidental via a religião sendo “colocada de lado” e confinada num papel meramente espiritual. Os princípios científicos e a racionalidade passaram a ser os legitimadores de toda ação humana. Porém, muitos religiosos não aceitaram passivamente esse papel secundário ao qual a religião teria sido relegada. O conservadorismo protestante norte-americano radicalizou suas posturas dando origem, no final do século XIX, ao fundamentalismo religioso.

Na definição de Oro (1996, p.187), “fundamentalismo é o movimento social religioso no seio do protestantismo que tem sua gênese num contexto de acentuadas contradições sociais, por conseguinte, de falta de plausibilidade e de relativismo de valores”, que se caracteriza também por uma postura exclusivista e, conseqüentemente, oposicionista em relação a tudo o que não coadune com seus conceitos de verdade. Além disso, “dois traços marcaram visivelmente o fundamentalismo fundante: o caráter de oposicionismo e o milenarismo” (ORO, 1996, p. 66).

A justificativa inicial de seu surgimento foi uma suposta necessidade de reação da ortodoxia cristã contra as contestações que certas doutrinas bíblicas começaram a sofrer a partir da utilização de um método histórico-crítico de interpretação do texto sagrado. Na esteira das novas formas de leitura da Bíblia, ganha força, a partir do século XIX, o liberalismo teológico que, rejeitando o literalismo e dialogando com as novas teorias das ciências naturais, abandona uma visão mitológica e dogmática do cristianismo e passa a buscar nos valores cristãos o que pode ser relevante para a humanidade, pois entendia que “para o homem de nosso tempo, a concepção mitológica

³ Entre estes movimentos, destacavam-se aqueles influenciados pelo pietismo “que surgiu no século XVII e explodiu no século XIX. Ele acentuou e acelerou a individualização e a interiorização da vida religiosa, desenvolvendo novas formas de piedade pessoal e de vida em sociedade. Além disso, provocou mudanças na teologia e na igreja” (DREHER, 2006, p. 10). Uma abordagem mais completa sobre o pietismo e sua influência na religiosidade protestante ocidental foi feita por Antônio Gouvêa de Mendonça (1984, p. 67-71).

do mundo, as representações da escatologia, do redentor e da redenção, estão já superadas e carecem de valor” (BULTMANN, 2005, p.15).

O fundamentalismo inicial estruturou seus princípios como uma premissa “defesa dos valores fundamentais do cristianismo”. Tinha uma concepção da Bíblia como única fonte de acesso a Deus e uma crença na inspiração verbal divina que implicava a ausência de erros não só em questões teológicas como também transformava o conteúdo do livro sagrado em irrefutável verdade histórica e científica. A luta pela reafirmação da infalibilidade da Bíblia e o retorno aos pilares da *nation under God*, concebida pelos Pais Peregrinos, levaram teólogos conservadores, apoiados financeiramente por empresários que compartilhavam de seus ideais, a publicarem “uma série de 12 volumes denominada ‘Os Fundamentais: um testemunho para a verdade’ de autores diversos” (ORO, 1996, p. 60), onde vários pontos das verdades bíblicas colocados em cheque pela modernidade teológica e científica eram defendidos e reafirmados⁴. “*Fundamentals* eram os conteúdos de fé, verdades absolutas e intocáveis, que deveriam ficar imunes à ciência e à relativização por meio do método histórico” (DREHER, 2006, p. 83).

Logo se pôde notar que o liberalismo teológico não era o único inimigo do fundamentalismo e a teologia não era o seu único campo de batalha:

Se os desvios, contra os quais reagem os fundamentalistas, não se restringem ao campo religioso, mas pervagam as práticas sociais em geral, também a atuação fundamentalistas se estende para outras realidades sociais, tornando-se “um sistema ideológico singular”. (ORO, 1996, p. 75).

Segundo Dias (2008), “o Fundamentalismo enredou-se em seu negativismo absoluto das realizações da Modernidade e, com isso, não foi capaz de produzir uma visão de mundo afirmativa e, muito menos, de articular suas crenças basilares com as principais questões postas pela cultura em geral”. Credo ser os detentores de uma verdade absoluta e imutável, os fundamentalistas acabam por forçar a criação de dicotomias e a eleição de inimigos (Estado secularizado, ciência moderna, liberalismo teológico, etc.) numa batalha entre “o bem e o mal”. O fundamentalismo é sectário e não

⁴ Segundo Dias (2008) poderiam ser citadas como as cinco proposições ‘inegociáveis’ do fundamentalismo clássico: “a) a inerrância absoluta do texto sagrado; b) a reafirmação da divindade de Cristo; c) a proclamação do nascimento virginal de Jesus; d) a pregação da morte e ressurreição de Cristo como garantia da redenção universal; e) a proclamação da ressurreição da carne e a certeza da segunda vinda de Cristo”.

crê na possibilidade de um aprendizado mútuo com o mundo secular. Seu sectarismo vê o espaço público como uma ameaça à segurança trazida pela imutável verdade bíblica.

Sua “decepção” com o rumo que o mundo e a igreja estavam tomando também se refletiu em suas concepções escatológicas. O pós-milenarismo começou a ceder espaço para uma perspectiva apocalíptica e pré-milenarista. Contra o milenarismo secularizado da modernidade protestava um fundamentalismo apocalíptico (MOLTMANN, 2003, p. 207). O clima era realmente propício para o ressurgimento de tendências pré-milenaristas: “A ênfase no pré-milenarismo resultou da combinação de literalismo bíblico e intransigência, ao que acrescentamos a situação de insegurança e mesmo de anomia social, vivida por milhões de norte-americanos pobres, recém-imigrados, explorados e lançados a sua própria sorte” (DIAS, 2008).

Apesar de seu pessimismo, os fundamentalistas norte-americanos pareciam ainda manter a “convicção de que Deus chamou essa nação para assumir o comando da batalha final para fazer triunfar o bem e a liberdade no mundo” (DIAS, 2008). O apocalipsismo e o recrudescimento de uma perspectiva pré-milenarista no fundamentalismo inicial parece ser resultado de sua desilusão com os rumos tomados pela “nação eleita”, que a afastaram de seu destino de ser “sal e luz do mundo”. Porém, o discurso fundamentalista parece apontar no sentido de que se o país voltasse à fé dos patriarcas, a expectativa apocalíptica poderia arrefecer, dando espaço, novamente, para a esperança da construção do reino dentro da história, seguindo-se o exemplo norte-americano.

A POLITIZAÇÃO DO FUNDAMENTALISMO

Segundo Bonino, sobre o fundamentalismo é bom se “distinguir uma primeira etapa que se estende mais ou menos até o começo da Grande Guerra e, posteriormente, uma segunda, muito mais espetacular. Caracterizamos estas etapas como ‘a defesa da fé’ e a ‘defesa da América cristã’, respectivamente” (BONINO, 2003, p. 36). O “retorno” aos pilares da nação temente a Deus passaria, obrigatoriamente, pela intervenção na arena política, o que não demorou a ocorrer. O movimento no sentido de “espiritualizar” a política e fazer renascer o futuro luminoso outrora perdido tem mostrado sua força. O discurso religioso voltou à esfera pública política, espaço que, presumia-se, caracterizava-se pelo secularismo e pelo discurso racional.

Para que houvesse uma efetiva intervenção na esfera pública política, “as velhas posições do fundamentalismo original deveriam ser substituídas pelo que se denominou de ortodoxia engajada” (DIAS, 2008). As discussões ultrapassaram os limites dos púlpitos e das confissões teológicas. A religião deveria voltar à pauta de prioridades do mundo moderno. Se tal mundo afirmava não precisar mais de Deus e excluiu-o dos pilares “que ordenam a sociedade da economia à política, passando pela arte e pela ciência, então, os movimentos fundamentalistas assumem a responsabilidade de falarem de Deus, e em nome de Deus, na esfera política (mas não só)” (PACE; STEFANI, 2002, p. 146). Baseando-se na inerrância e infalibilidade de sua interpretação das Sagradas Escrituras, os fundamentalistas acreditavam que “como esse livro não possui erros e a mente humana não pode interpretá-lo, cabe aos crentes construir uma cidade terrena baseada no modelo superior de sociedade descrito no livro sagrado” (PANASIEWICZ, 2007, p. 53-54).

A “decadência” da sociedade americana e do mundo moderno só seria revertida quando as pessoas se voltassem novamente para Deus e para seus preceitos descritos na Bíblia. “A vontade de ficar à parte do mundo da perdição foi cedendo diante do esforço de assumir publicamente a resistência da consciência americana à decadência” (ORO, 1996, p. 99). Neste momento, o fundamentalismo protestante sofre uma reconfiguração de sua forma de atuação, distanciando-se, em parte, da separação do mundo e da alienação que o caracterizava, dando lugar ao neofundamentalismo. Na definição de Oro (1996, p. 171):

Neofundamentalismo é a produção religiosa feita por um grupo, no interior de religiões reveladas, que, legitimando-se através de uma leitura literal de verdades contidas no texto sagrado, objetiva reagir contra situações que ameaçam o *status quo* social, a cultura tradicional e/ou a integridade de sua fé, combatendo internamente os hereges da religião e externamente os novos valores culturais.

Este movimento foi amadurecendo ao longo do século XX e, por exemplo, “a Lei Seca foi uma das primeiras grandes vitórias políticas da religião organizada” (SILVA, 2009b, p. 99). Porém, o engajamento do fundamentalismo na política só ganhou contornos maiores a partir da década de 1970, onde pôde se presenciar “um retorno aos valores tradicionais e a uma forma mais conservadora de religiosidade” (SCHWARZ, 1995, p. 481). Alguns chegaram a considerar esse despertar dos cristãos para a necessidade de intervirem diretamente nos rumos políticos da nação uma

espécie de novo “avivamento espiritual”. O fundamentalismo assume outra dimensão e ocorre um desenvolvimento do protesto sociocultural que o caracterizava em direção a uma militância política aguerrida.

Inicialmente, “o grande fator de aglutinação das igrejas para o combate político foi a decisão da Suprema Corte conhecida como *Roe versus Wade*, de 1973, que legalizou a prática do aborto nos Estados Unidos” (SILVA, 2009b, p. 104). Todavia, “logo suas reivindicações foram além da questão do aborto e começaram a incorporar diversos outros aspectos da agenda política, econômica, científica, social e cultural do país, até formarem um ideário complexo” (SILVA, 2009b, p. 105). Sonhos de poder começaram a ser nutridos e o engajamento e protestos sócio-culturais ganharam formato eleitoral nas plataformas de governo e nos discursos dos políticos conservadores da chamada “Direita Cristã”. Movimentos guiados por essa lógica de intervir politicamente, funcionando como grupos de pressão, foram criados, entre os quais se destacavam a Maioria Moral e a Coalizão Cristã⁵. Lideranças de tais movimentos, como Jerry Falwell e Pat Robertson, defendiam um projeto de recristianização da sociedade.

Várias lideranças de linha fundamentalista se tornaram influentes no Partido Republicano e mandatos eletivos foram conseguidos. Porém, os sonhos ficaram cada vez mais ambiciosos e cria-se na possibilidade de tais cristãos elegerem um presidente e um congresso que seguisse sua linha de pensamento. A fala de Pat Robertson em 1984, líder evangélico norte-americano e pré-candidato republicano ao governo, citada por Paulo Romeiro, dá noção de suas aspirações:

Quero que você imagine uma sociedade onde os membros da Igreja têm domínio sobre as forças do mundo, onde o poder de Satanás é amarrado pelo povo de Deus [...]. Nós vamos ver uma sociedade onde o povo de Deus vai ser o povo mais honrado [...], sem vício de droga [...], os que promovem a pornografia não terão mais qualquer acesso ao público [...], o povo de Deus herda a Terra [...], há um presidente cheio do Espírito Santo na Casa Branca, os homens no Senado e no Congresso são cheios do Espírito Santo e adoram a Jesus e os juízes fazem o mesmo [...]. Deus vai nos colocar em posição de liderança e responsabilidade e nós temos que pensar assim [...] marque minhas

⁵ “A Coalizão Cristã, capitalizada por Robertson, visava não somente eleger o presidente, mas tinha como foco principal construir e organizar um movimento com objetivos amplos, que envolviam temas ligados aos valores, à família e ao papel do Estado e da educação nos Estados Unidos e, sobretudo, a partir deste movimento influenciar a plataforma do Partido Republicano” (FINGUERUT, 2009, p. 129).

palavras, no próximo ano, dentro de uns dois, três, ou quatro anos, nós vamos ver essas coisas acontecerem e que absolutamente nos desnortearão. Glória a Deus! (ROMEIRO, 1999, p. 161).

A mobilização contra o Estado secular humanista, liberal e laico, que seria o responsável pela crise de valores que a sociedade norte-americana vivia, e sua “tomada” por cristãos fiéis aos princípios do evangelho, que viviam reconstruir uma nação genuinamente cristã, era o projeto central do neofundamentalismo. Embora não tenha conseguido eleger um candidato de dentro do movimento (quem passou mais próximo disso foi o próprio Robertson que teve grande destaque na convenção do Partido Republicano, chegando perto da indicação do partido para sua candidatura à presidência), os cristãos conservadores conseguiram ter grande influência nos anos 1980, especialmente no governo de Ronald Reagan, onde ocuparam importantes espaços na estrutura de poder. Mais tarde, tal influência também se fez notória no governo de George W. Bush. Seus representantes “procuraram alcançar o poder na esperança de conseguirem, ‘do alto’ dos aparelhos de Estado [...], re-cristianizar a sociedade através da aplicação a toda a esfera pública de leis e normas baseadas nos textos sagrados” (PACE; STEFANI, 2002, p. 153).

Outro fator que precisa ser levado em conta na análise da politização do discurso fundamentalista nos EUA é o período da Guerra Fria e a possibilidade do fim iminente que fortaleceram o discurso apocalíptico e, também, a defesa da América Cristã contra a ameaça do “comunismo ateu soviético”. A corrida armamentista e a possibilidade do holocausto nuclear criavam na mentalidade fundamentalista e na própria sociedade norte-americana secular, cada vez mais, a convicção de que os últimos dias estariam próximos.

O lançamento de bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki em agosto de 1945 iniciou uma era de “apocalipsismo nuclear” que se desenvolveu na religiosidade, folclore e cultura popular americanas; a crença mais difundida e obstinada que surge em torno das especulações religiosas e seculares sobre os armamentos nucleares é a de que sua utilização acabará por causar o fim do mundo. (WOLJCIK, 1996, p. 297, tradução nossa).⁶

⁶ The dropping of atomic bombs on Hiroshima and Nagasaki in August 1945 initiated an era of nuclear apocalypticism that has flourished in American religious culture, folklore, and popular culture; the most widespread and persistent belief that emerges from both religious and secular speculation about nuclear weapons is that they will be used to bring about the end of the world.

Vários *best sellers* sobre o fim dos tempos surgiram e entre os principais autores destacava-se Hal Lindsey, cujas obras tiveram enorme repercussão também no Brasil⁷. Logo no início da década de 1980 este autor já anunciava que esta década “poderia perfeitamente ser a última da história como nós a conhecemos” (LINDSEY, 1981, p. 13). Lindsey associava sua escatologia aos eventos da Guerra Fria e deixava transparecer em suas obras o seu nacionalismo e sua defesa dos ideais da América Cristã. Inclusive, a corrida armamentista norte-americana era justificável para deter o avanço do comunismo.

Tim LaHaye, que mais tarde se destacaria pela série de livros, que também recebeu versão cinematográfica, *Left Behind* (Deixados pra Trás)⁸, nos anos 1980 também “profetizava” a queda da União Soviética, baseando-se em Ezequiel 39, 6-7⁹: “Quando o mundo receber a notícia chocante da destruição misteriosa da Rússia, não poderá haver uma colheita tremenda de almas? O profeta informa-nos que o resultado da destruição do comunismo será que as nações reconhecerão que Deus é o Senhor” (LAHAYE, 1985, p. 93). Tais autores, além da defesa da América Cristã e da condenação do comunismo, advogavam o posicionamento pró-Israel por parte do governo norte-americano.

Silva (2009b) argumenta que, embora sempre tenha tido muita importância na vida política e social norte-americana, a religião sempre manteve uma linha de atuação limitada a seu próprio terreno. “Raramente, até pelo menos os anos 1980, quando esse panorama começou a se alterar, os religiosos agiram ostensivamente nos partidos políticos ou nas campanhas eleitorais para defender posições ou projetos referentes a políticas públicas”

⁷ Na revista *Ultimato*, edição 315, de novembro de 2008, em um artigo intitulado “Quarenta livros que fizeram a cabeça dos evangélicos brasileiros nos últimos quarenta anos”, Ricardo Quadros Gouvêa afirma, a respeito de “A Agonia do Grande Planeta Terra” de Hal Lindsey, publicada no Brasil pela Editora Mundo Cristão: “Calçado no pré-milenismo dispensacionista de Scofield, este best-seller apocalíptico empolgou os profetas do fim do mundo no Brasil, com sua interpretação literalista imprudente e seu patriotismo norte-americano acrílico. Lindsey foi o arauto de três décadas das mais absurdas especulações escatológicas em nossas igrejas”.

⁸ De acordo com Urban (2006), *Left Behind* é uma série muito popular nos Estados Unidos. A história é, basicamente, uma interpretação literalista do livro do Apocalipse dentro do atual contexto geopolítico. O arrebatamento dos crentes ocorre, o Anticristo controla a ONU e cria um sistema econômico global integrado. Enquanto isso, um pequeno grupo de cristãos americanos combate as forças do mal, aguardando o desfecho final.

⁹ “Meterei fogo em Magogue e nos que habitam seguros nas terras do mar; e saberão que eu sou o Senhor. Farei conhecido o meu santo nome no meio do meu povo Israel, e nunca mais deixarei profanar o meu santo nome; e as nações saberão que eu sou o Senhor, o Santo em Israel”.

(SILVA, 2009b, p. 111). Sobre tal politização recente da religião no mundo contemporâneo, embora a maior parte do destaque midiático se volte para as motivações religiosas de terroristas islâmicos, “o fato mais surpreendente consiste propriamente na revitalização política da religião no âmago dos Estados Unidos da América, portanto, no centro da sociedade ocidental, onde a dinâmica da modernização se expande com maior sucesso” (HABERMAS, 2007, p. 130). Tal fato tem levado os estudiosos das ciências humanas¹⁰ a refletirem sobre as suas causas e, configurada a permanência da religião na esfera pública política, como tal relação pode ocorrer de maneira pacífica e positiva. Entre os principais debates estão aqueles sobre as dificuldades da coexistência entre uma religiosidade fundamentalista e um mundo secularizado e a questão da participação dos cidadãos religiosos nas discussões públicas e na política.

O apoio maciço do conservadorismo religioso à eleição de George W. Bush para presidir os Estados Unidos e, principalmente, o atentado às “Torres Gêmeas” em 2001 colocou na pauta das discussões mundiais a questão da “politização, em escala mundial, de comunidades de fé e de tradições religiosas” (HABERMAS, 2007, p. 8). O mundo secularizado começou a acompanhar e refletir sobre a força que as motivações religiosas ainda possuíam para influir na agenda política mundial de forma tão radical. O fundamentalismo religioso entrou na pauta de discussões, e temas como ensino do criacionismo bíblico nas escolas públicas e mobilizações religiosas contra leis que legalizariam a prática do aborto e ampliariam os direitos dos homossexuais, por exemplo, mostram o quanto sua influência é real na esfera pública.

VELHAS DISCUSSÕES, NOVOS FORMATOS

Longe de buscar a via dialógica da apresentação de argumentos racionais e acessíveis a todos, o fundamentalismo prossegue com seu sonho de criar um reino alicerçado nos valores bíblicos. O pensamento político dos fundamentalistas aponta no sentido do estabelecimento de um governo que coadune com sua cosmovisão. Nesse sentido, sua perspectiva escatológica

¹⁰ Em meio a tais debates, os trabalhos mais recentes de Jürgen Habermas, principalmente “Entre Naturalismo e Religião” (2007), podem ser considerados como uma tentativa positiva de propor uma conciliação do mundo secularizado com a permanência dos valores religiosos, numa sociedade que ele denomina pós-secular. Em contraposição a uma retórica de conflito entre religião e racionalidade, ele propõe a via do diálogo, da razão comunicativa.

oscila entre o pessimismo e o otimismo na mesma proporção em que suas demandas e anseios são ou não assimiladas pelos governos constituídos.

Em princípio, parece que os atuais desdobramentos dos pensamentos pré-milenaristas e pós-milenaristas estão, de certa forma, relacionados ao processo de politização do fundamentalismo. Uma das tendências do pós-milenarismo atual que vem se destacando no contexto protestante/pentecostal norte-americano é ligada ao movimento conhecido por Reconstrucionismo ou Teologia do Domínio¹¹. Tal linha teológica tem seus fundamentos numa idéia que já era cara ao fundamentalismo de que “é possível deduzir do livro sagrado um modelo integral de sociedade perfeita – superior a qualquer forma de sociedade humana existente, conforme o princípio da superioridade da lei divina sobre a lei terrena” (PACE; STEFANI, 2002, p. 21). Resgata-se o sonho dos Pais Peregrinos de “um reino dos santos na Nova Inglaterra, na qual a lei mosaica seria restaurada” (DELUMEAU, 1997, p. 241).

Recentemente foi lançado no Brasil um livro de um dos principais pensadores dessa corrente teológica (GENTRY JR., 2008), no qual são esboçados alguns dos princípios que norteiam tal pensamento. Inicialmente, advoga-se a crença de uma aplicabilidade plena da lei divina à sociedade atual, carente de valores e certezas: “Uma Lei imutável torna-se a base da ordem social, e não os caprichos volúveis dos legisladores, o humor da sociedade, ou a mania dos revolucionários. A Lei de Deus é imutavelmente justa” (GENTRY JR., 2008, p. 62). Algumas posturas mais conservadoras seriam legitimadas por concepções de justiça e governo veterotestamentárias. Por exemplo, um dos “benefícios sociais” da aplicação do teonomismo¹² citados por Gentry, baseando-se em Dt. 19.11-13, é que “a abordagem teonômista proíbe a soltura, perdão e liberdade condicional de assassinos, pois exige a execução destes” (GENTRY JR., 2008, p. 65).

Tal posicionamento tem grandes implicações na questão escatológica. Embora o fundamentalismo apareça, quase sempre, vinculado ao pré-milenarismo, herança de seu pessimismo inicial, no Reconstrucionismo pode-se

¹¹ Também podem ser relacionadas a este movimento as expressões “Teologia do Reino”, “Teologia do Reino Agora” e “Movimento Teonômico”.

¹² Para Gentry Jr. (2008, p. 24), teonomia poderia ser assim definida: “Teonomia é derivado de uma combinação de duas palavras gregas: *theos* (‘Deus’) e *nomos* (‘lei’). Significa simplesmente ‘a Lei de Deus’. Falando de maneira ampla, o termo descreve a posição ética cristã que sustenta que a Palavra de Deus determina o que é certo e errado, e não o direito natural. Mais estritamente, teonomia é geralmente entendida como apontando a justiça e a praticidade do código civil mosaico para a aplicação moderna”.

ver princípios fundamentalistas legitimando uma postura pós-milenarista. Gentry, por exemplo, critica a postura pré-milenarista/dispensacionalista. Sobre seu passado dispensacionalista¹³, Gentry fala que sentia um misto de confiança e frustração: “era ótimo ser capaz de localizar a razão para os problemas da sociedade moderna: A condição pecaminosa do homem diante de Deus. Era frustrante que como um cristão eu não esperava ter qualquer solução bíblica para aqueles problemas” (GENTRY JR., 2008, p. 18). A postura de apatia frente à expectativa de um retorno iminente de Cristo também é questionada pelo autor por desencorajar a atuação do cristão no mundo. Por outro lado, “proponentes da Lei de Deus chamam o cristão a considerar não somente as implicações da fé cristã para as grandes questões de uma cultura cristã, mas também para agir sobre essa consideração a partir de uma perspectiva bíblica” (GENTRY JR., 2008, p. 14). Por fim, é importante ressaltar que o pós-milenarismo dos reconstrucionistas não é apenas inferido a partir de suas idéias; eles se confessam como pós-milenaristas. Segundo Siepierski, alguns teólogos como, por exemplo, R.J. Rushdoony, no início dos anos 1970, começaram a perceber o paradoxo existente entre a postura sectária e o avanço do reino. Embora o reconstrucionismo tenha surgido num ambiente calvinista ortodoxo (ROMEIRO, 1999, p. 160), “alguns anos mais tarde, segmentos do pentecostalismo abraçaram essa proposição” (SIEPIERSKI, 2004, p. 83-84). Paulo Romeiro argumenta que, além da corrente ligada ao pensamento de Rushdoony, existe também uma linha conhecida por Teologia do “Reino Agora” ou Teologia do Reino, influenciada pela idéia do último derramamento do Espírito (*latter rain*), idealizada por Earl Paulk e Thomas Reid, que argumentava que “a Igreja deve se unir e amadurecer sob a liderança de apóstolos e profetas carismáticos, infiltrando-se nas instituições do mundo como representantes do rei Jesus” (ROMEIRO, 1999, p. 160). Nesse sentido, o reconstrucionismo recebe uma leitura de caráter mais “pentecostalizado”, ao fundir-se com a perspectiva da Batalha Espiritual.

¹³ Segundo os dispensacionalistas, “o plano salvífico de Deus pode ser reconhecido a partir das sete *dispensations* ou dos sete períodos atestados biblicamente, pois a Bíblia é o testemunho divino de uma história sucessiva da salvação. Consequentemente, a última revelação de Deus é a revelação do fim da história no Apocalipse de João. A Bíblia é essencialmente predição e a história universal essencialmente cumprimento dos prenúncios divinos” (MOLTMANN, 2003, p. 177). As sete dispensações seriam: 1) Inocência (no Éden), 2) Consciência (entre a Queda e o Dilúvio), 3) Governo Humano (entre Noé e Babel), 4) Promessa (de Abraão ao Egito), 5) A Lei (de Moisés a João Batista), 6) Igreja ou Graça (de Cristo até o arrebatamento dos crentes) e 7) O Milênio.

O pré-milenarismo também parece ter sofrido forte influência da politização do fundamentalismo religioso norte-americano. Tal concepção escatológica, antes considerada determinante de uma postura sectária e politicamente passiva, parece ter assumido um caráter fortemente politizado. Em uma tese de doutoramento recente (BOOKE, 2009), a cientista política Paula Nicole Booke (2009) dedicou uma extensa pesquisa às relações que as crenças pré-milenaristas estabelecem com a política norte-americana na atualidade. Para a possível surpresa de alguns, dentro do que ela denominou “subcultura pré-milenarista”, observou-se que: “os pré-milenaristas criaram um espaço dentro de seu esquema interpretativo que admite a participação sociopolítica. Os pré-milenaristas são altamente politizados” (BOOKE, 2009, p. 218, tradução nossa)¹⁴.

Ainda acredita-se no “esquema” dispensacionalista, pois se crê que ocorrerá o “arrebatamento”, surgirá o Anticristo com grande poder político e militar e acontecerão guerras de enormes proporções que acabarão por destruir a Terra, tal como a conhecemos. Entretanto, o pré-milenarismo não tem levado os seus adeptos, inevitavelmente, ao sectarismo e à apatia política.

Os pré-milenaristas não são derrotistas nem estão alheios à vida pública. A narrativa pré-milenarista oferece inúmeras oportunidades para ingressar na esfera pública assim como justificativas para preferências e engajamento político. A teologia e cultura pré-milenaristas servem como suporte para uma “identidade subcultural” que oferece o contexto no qual as preferências políticas extraídas da narrativa podem encontrar sua expressão (BOOKE, 2009, p. 167-168, tradução nossa).¹⁵

Na politização do fundamentalismo, o pré-milenarismo buscou se compatibilizar com o engajamento político através da luta contra os inimigos da fé. O pessimismo se transformou numa luta pelo ideal de sociedade cristã contra os inimigos secularizantes. Os pré-milenaristas contemporâneos conseguem dar relevância à sua escatologia ao contextualizar as profecias apocalípticas com o atual quadro geopolítico mundial. O cumprimento das

¹⁴ They have carved out a space within their interpretative scheme that allows for active social and political participation. Premillennialists are highly politicized.

¹⁵ Premillennialists are neither defeatist nor are they withdrawn from public life. The narrative of premillennialism offers myriad opportunities to enter the Public Square as well as justifications for political preference and engagement. Premillennial theology and culture serve as basis for a subcultural identity that offers the context within which these policy preferences drawn from the narrative, can find their expression.

profecias bíblicas é enxergado por eles nos jornais, na TV e na internet. A perspectiva ainda é de que “a Bíblia é essencialmente predição e a história universal essencialmente cumprimento dos prenúncios divinos” (MOLTMANN, 2003, p. 177). Além disso, possuem uma grande capacidade de readaptar suas profecias, e seus possíveis “Anticristos” mudam de nome e nação a cada novo período (liberalismo teológico, papado, comunismo, Comunidade Econômica Européia, Osama Bin Laden, etc.). Para Booke (2009, p. 167-168), no discurso pré-milenarista o mundo contemporâneo criou as condições para o surgimento e a consolidação do poder do Anticristo. O processo de secularização, com sua conseqüente decadência moral e religiosa, e a globalização econômica facilitariam o surgimento de um Império Mundial. Além disso, acreditam que o destino da humanidade está diretamente vinculado à situação política e militar de Israel.

Da mesma forma como ocorre com o fundamentalismo, “a mobilização pré-milenarista surge em momentos de crise social, econômica e política” (BOOKE, 2009, p. 17, tradução nossa)¹⁶. Com a sensação de se estar vivendo em um momento de crise, seja ela qual for, o discurso e prática políticos do pré-milenarismo tendem a ser negativistas. Sua mobilização se dá, na maioria das vezes, para contestar os valores e práticas “anti-bíblicas” aceitas pela sociedade e permitidas pelo Estado. Eles se colocam contra “a globalização, a regulação, a secularização, o ambientalismo e várias outras políticas que podem ser interpretadas como sinais do governo do Anticristo” (BOOKE, 2009, p. 97, tradução nossa)¹⁷.

O pré-milenarismo também conseguiu se reinventar na forma de sua apresentação. Embora o apocalipsismo seja “disseminado até hoje nos EUA através de Institutos Bíblicos e Conferências Proféticas e anúncios do fim do mundo em todos os grandes jornais” (MOLTMANN, 2003, p. 177), as expectativas quanto ao fim do mundo têm inspirado livros e filmes de grande sucesso comercial. E não são apenas filmes, como dito anteriormente, sobre o fim causado pela corrida armamentista da Guerra Fria ou desastres decorrentes da crise ambiental. O pré-milenarismo dispensacionalista tem inspirado verdadeiros sucessos comerciais como a já citada série de Tim LaHaye chamada *Left Behind* (Deixados pra trás). A série de livros original vendeu mais de 45 milhões de cópias (BOOKE, 2009, p. 46). Essa “aventura apocalíptica” ganhou também versões cinematográficas de sucesso e acabou

¹⁶ Premillennial mobilization is born from moments of social, economic and political crisis.

¹⁷ Globalization, regulation, secularization, environmentalism and myriad policies can be constructed by interpreters as spectres of Antichrist’s regime.

até nas telas dos videogames, em jogos marcados pela violência nas batalhas entre a resistência cristã e as forças do Anticristo. O sucesso da série tem sido fundamental para manter e avançar a popularização do pré-milenarismo e sua aplicabilidade ao mundo contemporâneo.

Nem o final da Guerra Fria, com sua real possibilidade de um apocalipse nuclear, conseguiu desacreditar as crenças do pré-milenarismo dispensacionalista. Sua capacidade de se readaptar e de modernizar seu discurso e formas de divulgação mostram que o pré-milenarismo mantém seu fôlego no mundo contemporâneo, além de não ser incompatível, como alguns advogam, com o engajamento político daqueles que o confessam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez a melhor maneira de se entender a atratividade do fundamentalismo religioso seja através de suas reações a momentos de crise. Nesses momentos, o fundamentalismo apresenta mais visivelmente duas de suas características principais: uma espécie de medo frente à insegurança causada por momentos de mudanças, onde os seus “valores fundamentais” são questionados; e a intolerância gerada por seu “monopólio” da verdade. A pregação de uma fonte de pura verdade, cujo sentido eterno independe de qualquer tipo de mediação, torna-se extremamente atraente em momentos de crises e instabilidades. Tal discurso foi recorrente no decorrer do século XX. Neste sentido, a perspectiva da crise é anexada a um discurso apocalíptico fomentado por um pensamento teológico que advoga que o tempo presente é o tempo de cumprimento de profecias apocalípticas. O pensamento dicotômico que lhe é peculiar fica exarcebado e convoca os cristãos a tomarem posição contra os inimigos da fé.

O fundamentalismo contemporâneo perdeu um pouco sua perspectiva direcionada ao pós-história e centrada no universo da comunidade dos fiéis. Como visto anteriormente, o fundamentalismo politizou-se e hoje não é mais incompatível com uma intervenção religiosa na esfera política. Sua influência pode ser sentida também no processo de entrada de políticos ligados a igrejas pentecostais brasileiras no processo político-eleitoral a partir de meados da década de 1980. Como o pentecostalismo brasileiro vem primando por ênfases em doutrinas espiritualizantes sobre a relação do crente com a esfera pública política, o discurso que estabelece os “fundamentos” de como deve ser uma “nação feliz que tem Deus por Senhor” é herdado do fundamentalismo.

Também, como foi examinado anteriormente, o pré-milenarismo fundamentalista ainda mantém certo fôlego devido à sua capacidade de interpretar a conjuntura geopolítica em termos apocalípticos e trazer respostas e certezas para os momentos de crise. A leitura de eventos políticos e de conflitos armados como cumprimento de profecias bíblicas tem um grande apelo no mundo contemporâneo. Os livros e filmes pré-milenaristas concorrem de igual pra igual com os filmes hollywoodianos sobre o fim do mundo (seja ele atômico, ambiental, por invasões extraterrestres, etc.) e com os especiais de TV sobre as profecias de Nostradamus. De fato, a narrativa do pré-milenarismo dispensacionalista ainda pode ter seu lugar como uma “pitada de emoção” numa religiosidade cada dia mais pragmática. O surgimento do Anticristo, a marca da besta, o Armageddon e coisas afins podem vir a se tornar, como vêm se tornando, interessantes temas para obras de “ficção cristã”.

Por fim, é necessário que se atente para o fato de que o estudo das crenças escatológicas parece mostrar um interessante e ainda pouco explorado terreno para a historiografia, principalmente no que se refere à possibilidade de analisar a forma como o fiel enxerga o sentido da história através da crença em uma determinada concepção escatológica. Tais possibilidades já foram proclamadas por Jaques Le Goff: “O conceito de escatologia e os fenômenos escatológicos convidam o historiador a alargar as investigações a novas problemáticas e a estudar esta porção ainda virgem em grande parte [...] do domínio das mentalidades” (LE GOFF, 1984, p. 452). Mais adiante, no mesmo texto o historiador francês reforça tal posição: “A escatologia pode tornar-se um dos temas mais interessantes de história geral, para os historiadores contemporâneos e futuros, graças a um novo olhar sobre a escatologia na história, a espera e a sua variante religiosa, a esperança” (LE GOFF, 1984, p. 453).

Artigo recebido em 13 de março de 2010.

Aprovado em 20 de agosto de 2010.

REFERÊNCIAS

- ALTHOUSE, Paul. *Spirit of the last days: pentecostal eschatology in conversation with Jürgen Moltmann*. London: T. & T. Clark, 2003.
- BONINO, José Miguez. *Rostos do protestantismo latino-americano*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- BOOKE, Paula Nicole. *Politics of the Apocalypse: the effect of premillennial eschatology on American political behavior*. 2009. Tese (Doutorado em Ciência Política) “University of Chicago, Chicago, 2009.
- BRAUDEL, Fernand. A longa duração. In: BRAUDEL, Fernand. *História e ciências sociais*. 2. ed. Lisboa: Presença, 1976. p. 7-70.
- BULTMANN, Rudolf. Será possível a exegese livre de premissas? In: BULTMANN, Rudolf. *Crer e compreender*. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 363-370.
- _____. *Jesus Cristo e mitologia*. São Paulo: Novo Século, 2005.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *Composições e recomposições do poder espiritual e político. Tempo e Presença*, v. 22, n. 313, p. 20-23, set./out. 2000.
- _____. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 100-115, set./nov. 2005.
- DALEY, Brian E. *Origens da escatologia cristã: a esperança da igreja primitiva*. São Paulo: Paulus, 1994.
- DELUMEAU, Jean. *Mil anos de felicidade: uma história do paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- DESROCHE, Henri. *Sociologia da esperança*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- DIAS, Zwinglio Mota. *O governo legítimo nasce do Espírito: origem e legitimação do poder nas igrejas e no mundo*. *Tempo e Presença*, v. 22, n. 313, p. 10-14, set./out. 2000.
- _____. Fundamentalismo: o delírio dos amedrontados (anotações sócio-teológicas sobre uma atitude religiosa). *Tempo e Presença Digital*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 13, dez. 2008. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=254&cod_boletim=14&tipo=Artigo>. Acesso em: 4 mar. 2009.
- DOBRORUKA, Vicente. *História e milenarismo: ensaios sobre tempo, história e milênio*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.
- DREHER, Martin Norberto. *Fundamentalismo*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.
- DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.
- FINGUERUT, Ariel. Formação, crescimento e apogeu da direita cristã nos Estados Unidos. In: SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Org.). *Uma nação com alma de igreja: religiosidade e políticas públicas nos EUA*. São Paulo: Paz e Terra, 2009. p. 113-155.
- GEFFRÉ, Claude. O neofundamentalismo na igreja. In: _____. *Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 83-129

GENTRY JR, Kenneth L. *A lei de Deus no mundo moderno: a relevância contínua da Lei do Antigo Testamento*. Brasília: Monergismo, 2008.

GRAY, John. *Missa negra: religião apocalíptica e o fim das utopias*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

HABERMAS, Jürgen. *Entre naturalismo e religião: estudos filosóficos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.

HILL, Christopher. *O mundo de ponta cabeça: idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LAHAYE, Tim. *O começo do fim*. São Paulo: Vida, 1985.

LE GOFF, Jacques. Escatologia. In: *Enciclopédia Einaudi*: vol. I - memória - história. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. p. 425-457.

LINDSEY, Hal. *A agonia do grande planeta terra*. São Paulo: Mundo Cristão, 1976.

_____. *Os anos 80: contagem regressiva para o Juízo Final*. São Paulo: Mundo Cristão, 1981.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Política e religião: a participação dos evangélicos nas eleições*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MANNHEIM, Karl. A mentalidade utópica. In: _____. *Ideologia e utopia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976. p. 216-285.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MOLTMANN, Jürgen. *A vinda de Deus: escatologia cristã*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

ORO, Ivo Pedro. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996.

PACE, Enzo; STEFANI, Piero. *Fundamentalismo religioso contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2002.

PANASIEWICZ, Roberlei. *Pluralismo religioso contemporâneo: diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré*. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: PUC Minas, 2007.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

ROMEIRO, Paulo. *Evangélicos em crise: decadência doutrinária na igreja brasileira*. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

SANTOS, Lyndon de Araújo. Dois caminhos: um paradigma da crença protestante no Brasil. In: MANOEL, Ivan Ap.; FREITAS, Nainora Maria Barbosa de (Orgs.). *História das religiões: desafios, problemas e avanços teóricos, metodológicos e historiográficos*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 217-244.

- SCHAFER, Heinrich W. “Oh Señor de los cielos, danos poder em la tierra!”. el fundamentalismo y los carismas: la reconquista del espacio vital em América Latina. San Jose, *Revista Pasos*, n. 64, p. 1-14, 1996.
- SCHWARZ, Hans. Escatologia cristã. In: BRAATEN, Carl E., JENSON, Robert W. (Orgs.) *Dogmática cristã*. São Leopoldo: Sinodal, 1995. p. 473-588.
- SIEPIERSKI, Paulo. Fé cristã e filosofia da história no debate atual. In: DREHER, Martin N. (Org.) *História da igreja em debate*. São Paulo: Aste, 1994.
- _____. Pós-pentecostalismo e política no Brasil. In: *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 37, p. 47-61, 1997.
- _____. Contribuições para uma tipologia do pentecostalismo brasileiro. In: GUERRIERO, Silas (Org.) *O estudo das religiões: desafios contemporâneos*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 71-88.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. Barack Obama e a pós-religiosidade americana. In: SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Org.) *Uma nação com alma de igreja: religiosidade e políticas públicas nos EUA*. São Paulo: Paz e Terra, 2009a. p. 41-68.
- _____. Do alto da colina: religião e política na história dos Estados Unidos. In: SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Org.) *Uma nação com alma de igreja: religiosidade e políticas públicas nos EUA*. São Paulo: Paz e Terra, 2009b. p. 69-112.
- URBAN, Hugh B. América, left behind: Bush, the neoconservatives, and evangelical christian fiction. In: *Journal of Religion & Society*, Omaha, v. 8, p. 1-15, 2006.
- WOLJCIK, Daniel. Embracing Doomsday: faith, fatalism and apocalyptic beliefs in the nuclear age. In: *Western folklore*, Madison, v. 55, n. 4, p. 297-330, 1996.